

Relato de viagem

Ana Silveira

In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais

ISBN 978-989-20-9853-1

Como citar

Silveira, A. (2019). Relato de viagem. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 55-61). NOVA FCSH-CLUNL.

<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

RELATO DE VIAGEM

ANA SILVEIRA²⁰

CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO²¹

Caracterização: aspetos contextuais

O relato de viagem é um género textual associado às áreas jornalística, literária e familiar / quotidiana. Trata-se de um género em que o produtor textual, o narrador-viajante (jornalista, escritor, turista...), tem como intenção não apenas relatar o que observou durante a sua viagem (real ou fictícia) ou informar sobre os locais visitados, mas também transmitir as suas impressões sobre lugares, culturas e pessoas com as quais se deparou no seu percurso, assim como narrar experiências vivenciadas que o afetaram emocionalmente. Assume frequentemente um importante valor documental e é rico em imagens do *Outro*.

O relato de viagem escrito é publicado em livros, revistas, jornais ou blogues. O relato de viagem oral é divulgado pelos meios de comunicação social (televisão, rádio, internet) ou surge em contexto familiar / nas práticas quotidianas.

Caracterização: aspetos organizacionais

O relato de viagem apresenta uma estrutura essencialmente narrativa (com introdução, desenvolvimento e conclusão), em que se articulam sequências narrativas e descritivas, podendo ainda integrar sequências explicativas ou dialogais. Ou seja, a par do relato das peripécias da sua viagem, o narrador-viajante descreve espaços, pessoas, culturas e, por vezes, transmite informações e explicações sobre uma determinada realidade ou reproduz trocas verbais, que conferem ao texto maior dinamismo e realismo.

Este género textual tem um carácter multimodal, uma vez que se pode apresentar em diversos formatos e recursos: livro, imagem em movimento (televisão, cinema, internet), registo oral (rádio, *podcast*, interação verbal do quotidiano), entre outros.

A possibilidade de identificação do produtor permite classificar o relato de viagem como um género autoral.

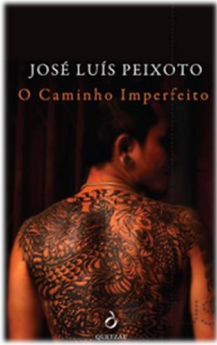
²⁰ Ana Silveira é professora na Escola Secundária da Ramada – Odivelas.

²¹ Referências bibliográficas: Bono, 2005; Cunha & Cintra, 1986; Figueiredo, 2012; Gonçalves, 2013; ME-DGE, 2008; Sá, 2019; Schemes, 2015.

Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- O relato de viagem caracteriza-se pelo discurso de 1.^a pessoa (do singular ou do plural), marca linguística que evidencia a implicação de um produtor textual cujo discurso é marcado pela subjetividade; ao longo do relato, o narrador integra as suas impressões, os seus sentimentos, as suas interpretações e, por vezes, juízos de valor.
- Por ter uma estrutura marcadamente narrativa, a informação surge organizada temporalmente, com recurso a localizadores com valor espacial e temporal (com destaque para os deíticos), o que permite ao leitor acompanhar a viagem realizada pelo narrador.
- Articuladas com as sequências narrativas, encontram-se sequências descritivas em que se verifica o uso de uma linguagem valorativa, a presença de vocabulário do domínio sensorial e o recurso ao sentido conotativo e metafórico das palavras. Nas sequências explicativas, em que as marcas enunciativas do produtor textual tendem a desaparecer, encontram-se conectores com valor causal, explicativo, de consequência e vocabulário técnico / especializado.
- Tratando-se de um discurso retrospectivo, predominam os tempos do passado (pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito do indicativo) ou o presente histórico.
- Pode incluir palavras ou expressões com valor epistémico de probabilidade / possibilidade (**ex.:** talvez, possivelmente), de certeza (**ex.:** certo é que) e com valor apreciativo (**ex.:** felizmente). A modalidade pode ainda ser expressa através da entoação (relato oral), dos tipos de frase e da pontuação (relato escrito), da variação no modo verbal, de advérbios, adjetivos e verbos modais (**ex.:** auxiliares como *dever* ou principais com valor modal como *crer, pensar*), entre outros.

EXEMPLO DE RELATO DE VIAGEM (EXCERTO)



À entrada da aldeia das tribos, havia desenhos que apresentavam a espiral metálica que as mulheres Padaung usam no pescoço. Um desses desenhos mostrava os ossos e dava a entender que, por ação desse artefacto de metal, as vértebras se separavam do crânio – o que é um mito. Havia também uma dessas espirais sobre uma mesa, podíamos mexer-lhe ou pesá-la numa balança.

Não me recordo do preço dos bilhetes. [...]

Nos folhetos das aldeias das tribos, depois de se enaltecer o número de tribos disponíveis para a visita, era explicado que se tratava de refugiados que tinham chegado ao Myanmar

Tema abordado

Exploração das mulheres da tribo tailandesa Padaung como atração turística

Conteúdo temático

- Apresentação da aldeia das tribos: desenho da espiral metálica; uma das espirais; folhetos turísticos
- Reação dos turistas coreanos às mulheres Padaung
- Realidade social das tribos
- Mulheres como atração turística rentável
- Descrição das mulheres que vendem *souvenirs*
- Aproximação dos turistas corea-

no final dos anos oitenta e que, ali, tinham condições para manter as suas tradições intactas.

Enunciava-se também a missão da aldeia – distribuir o rendimento do turismo pela comunidade de forma justa e promover o encontro com as populações.

Quando os coreanos repararam nas mulheres Padaung, desinteressaram-se pelas Akha. Às vezes, a medo, esticavam o indicador e tocavam-lhe nas espirais à volta do pescoço. Afastavam logo os dedos, muito bruscamente, como se queimasse, e davam grandes gargalhadas coletivas, faziam comentários em coreano. Depois das fotografias, as mulheres Padaung ficavam a estender a mão.

Existem várias aldeias de tribos na província de Mae Hong Son, junto à fronteira com o Myanmar. O pouco inglês da parte deles – suficiente apenas para dizer preços – e o nosso desconhecimento total do birmanês não nos permitiu comunicar para além do olhar.

Foi mais tarde, em filmes e reportagens legendadas, que pude ouvir aquelas pessoas a falarem das suas dificuldades – sem documentos, não podem sair da aldeia; mesmo com documentos, não podem sair da região ou trabalhar fora da aldeia; candidatam-se a documentos, mas não lhes são atribuídos; o Estado tailandês afirma que apenas melhorará o acesso à água, eletricidade, esgotos e estradas quando todos tiverem documentos.

Apesar de parecerem anéis sobrepostos, trata-se de uma espiral enrolada à volta do pescoço. São um vestígio da tradição Padaung e, nas aldeias tailandesas de tribos, são a certeza de vender mais e tirar mais fotografias ao lado de turistas.

Passámos depressa pelas ruas onde se vendia *souvenirs* em bancas, não queríamos ser alcançados pelos coreanos. Mulheres de várias tribos ofereceram-nos pequenas bonecas com as mesmas roupas que elas próprias tinham vestidas. Faltava alguma coisa ao olhar dessas mulheres. Tinham bebês deitados ao seu lado, no estrado de madeira, sobre cobertores. Tinham crianças que corriam à sua volta, inocentes de outros mundos. Diante das suas casas de madeira, essas mulheres estavam rodeadas pelo silêncio da natureza – árvores vivas, aves ou música, o cheiro da seiva. Lá ao fundo, como uma preocupação, a algazarra dos coreanos aproximava-se.

Peixoto, José Luís (2017). *O Caminho Imperfeito*. Lisboa: Quetzal, pp. 125-127 (com supressões)

nos como uma ameaça

Estrutura do texto

Conjugação de **sequências textuais narrativas, descritivas** (caracterização do espaço e de personagens reais), **explicativas** (apresentação de informação e explicação da realidade da tribo; condução do leitor à compreensão da informação)

Marcas linguísticas

- 1.^a pessoa (enunciador implicado)
- Pretérito perfeito simples do indicativo (sequências narrativas); pretérito imperfeito do indicativo (sequências descritivas); presente do indicativo (sequências explicativas)
- Expressões com valor epistémico de certeza (“*sem documentos, não podem sair da aldeia*”) e com valor apreciativo (expresso através do segmento destacado, enfaticamente, por travessão duplo: “*– suficiente apenas para dizer preços –*”)
- Vocabulário do domínio sensorial (“*grandes gargalhadas coletivas*”; “*silêncio da natureza*”; “*o cheiro da seiva*”, “*a algazarra dos coreanos*”)
- Deíticos espaciais (“*ali*”, “*Lá ao fundo*”)
- Localizadores temporais “*depois de*”, “*Quando*”, “*às vezes*”)

Produtor textual

Escritor-viajante José Luís Peixoto

Meio de transmissão

Obra literária *O Caminho Imperfeito*, Editora Quetzal

PERCURSO DIDÁTICO

Interpretação e produção de relatos de viagens (Ensino Secundário)²²

1. Em trabalho de pares, os alunos leem o excerto de *O Caminho Imperfeito*, de José Luís Peixoto (atrás apresentado) e analisam-no preenchendo a grelha de análise do relato de viagem.

Grelha de análise de relato de viagem

		Excerto de <i>O Caminho Imperfeito</i>
Produtor textual (papel social)		
Recetor/destinatário		
Objetivo do texto		
Tema		
Conteúdo temático (informação significativa)		
Sequências textuais	descritivas	
	narrativas	
	explicativas	
Marcas linguísticas	Pessoa(s) gramatical(ais)	
	Marcas de subjetividade	
	Tempo(s) verbal(ais)	
	Deíticos espaciais	
	Localizadores temporais	
	Expressões com valor	epistémico
apreciativo		

2. Os alunos partilham o resultado do seu trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.

²² O texto selecionado permite igualmente, no âmbito da Autonomia e Flexibilidade Curricular, a construção de um domínio da autonomia curricular (DAC): Projeto interdisciplinar a desenvolver tendo como referência a área de Cidadania e Desenvolvimento; Projeto interdisciplinar a desenvolver em função de temáticas comuns ou familiares do património de disciplinas como a Filosofia (10.º ano: *Temas / Problemas do mundo contemporâneo*), a Biologia e Geologia (11.º ano: *Evolução biológica*) ou a Biologia (12.º ano: *Património genético*).

3. Com vista à posterior produção de um relato de viagem, os alunos participam num debate, baseado na técnica *Os seis chapéus do pensamento*, de Edward de Bono.

Material de apoio ao desenvolvimento da atividade

“Apesar de parecerem anéis sobrepostos, trata-se de uma espiral enrolada à volta do pescoço. São um vestígio da tradição Padaung e, nas aldeias tailandesas de tribos, são a certeza de vender mais e tirar mais fotografias ao lado de turistas.”

Peixoto, José Luís (2017). *O Caminho Imperfeito*. Lisboa: Quetzal, p. 127

Mulheres-girafa...

... um jardim zoológico humano?

... uma forma de sobrevivência económica?

... uma tradição cultural a respeitar?

Como se sentirá a mulher Padaung e como poderemos contribuir para pôr fim a esta realidade?



Evans, Steve, <https://www.flickr.com/photos/babasteve/351227116>
(consultado em 22/08/2019)



Domínio público, <https://pxhere.com/fr/photo/1402994>
(consultado em 22/08/2019)






Domínio público, <https://pxhere.com/fr/photo/1093128>
(consultado em 22/08/2019)

Desenvolvimento da atividade

- **Etapa 1:** Cada aluno retira um cartão de um saco que contém cartões de cinco cores em número idêntico (branco, verde, amarelo, preto e vermelho) e a determinar em função do número de alunos da turma.
- **Etapa 2:** São formados cinco grupos constituídos pelos alunos que retiraram o cartão da mesma cor.
- **Etapa 3:** O professor (Chapéu Azul) apresenta as regras do debate e os grupos têm 15 minutos para registar os argumentos que vão apresentar, de acordo com a linha de pensamento associada à cor do seu chapéu.
- **Etapa 4:** Após 15 minutos, dá-se início ao debate, que é orientado pelo professor, respeitando-se a seguinte ordem: Chapéu Azul (professor), Chapéu Branco, Chapéu Verde, Chapéu Amarelo, Chapéu Preto, Chapéu Vermelho e Chapéu Azul (professor).

Os seis chapéus do pensamento (Edward de Bono)

<p>O orientador <i>(papel assumido pelo professor)</i></p> <p>Expõe a situação e apresenta as regras do debate. Estabelece o(s) passo(s) seguinte(s) do pensamento.</p>	<p>Chapéu AZUL</p> 
<p>O objetivo</p> <p>Expõe os factos e as informações relevantes sobre a realidade sociocultural da mulher Padaung.</p> <p>O que podemos/ devemos fazer?</p>	<p>Chapéu BRANCO</p> 
<p>O criativo</p> <p>Apresenta ideias sobre como se poderá contribuir para pôr fim à situação.</p> <p>Novas ideias ou formas de encarar a situação / problema.</p>	<p>Chapéu VERDE</p> 

<p style="text-align: center;">O otimista</p> <p style="text-align: center;">Expõe as vantagens e os benefícios das ideias apresentadas.</p> <p style="text-align: center;">Por que motivos são ideias válidas?</p>	<p style="text-align: center;">Chapéu AMARELO</p> 
<p style="text-align: center;">O pessimista</p> <p style="text-align: center;">Apresenta argumentos contra as ideias apresentadas.</p> <p style="text-align: center;">Serão seguras? Poderão ser concretizadas?</p>	<p style="text-align: center;">Chapéu PRETO</p> 
<p style="text-align: center;">O emotivo</p> <p style="text-align: center;">Apresenta as emoções e os sentimentos despertados na mulher Padaung pelas ideias apresentadas.</p> <p style="text-align: center;">O que é que sentem estas mulheres?</p>	<p style="text-align: center;">Chapéu VERMELHO</p> 

4. Em trabalho individual, os alunos produzem um relato de uma viagem:

Recorde uma viagem que tenha realizado e escreva o respetivo relato, adotando a perspetiva que o seu grupo assumiu durante o debate realizado em aula.

O seu texto deverá respeitar as principais características do género relato de viagem.